

EDUCAÇÃO NECESSÁRIA: DIVERSIDADE NA EJA FASE I EM CANTAGALO-PR

Patrícia Romana Dallastra¹; Cleci Irene Trentin Kruger²

1- Professora de Língua Portuguesa no CEEBJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos)de Cantagalo e Pós-Graduanda em PROEJA na UTFPR de Pato Branco-PR. E-Mail: romanadallastra@hotmail.com; 2 - Professora Orientadora. Docente da UTFPR campus Pato Branco. Mestre em Educação. Professora do Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos, UTFPR .

Resumo - Este artigo se constitui parte do estudo monográfico, de caráter exploratório que ainda está em processo de construção intitulado: "Educação Necessária: Diversidade na EJA Fase I em Cantagalo-Paraná" apresentado ao III Curso de Especialização Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) pela UTFPR de Pato Branco. O foco do estudo é analisar quais os motivos que desencadearam jovens, adultos e idosos a retomarem seus estudos na EJA Fase I, através dos dados mencionados em questionários que envolverão os sujeitos- educandos da EJA. Inicialmente faz-se uma breve retomada histórica a respeito da EJA (Educação de Jovens e Adultos) no Brasil, desde o período colonial até os dias atuais, onde retrata como e porque ocorreu a descentralização de (EJA) séries iniciais do Estado para o município. Por fim, verificou-se o que os alunos de EJA esperam da escola se esta pode ser um encontro de sociabilidade ou ainda um espaço de construção de conhecimento. Sobretudo salientar que a EJA é um dos poucos ambientes escolares que dispõem de uma vasta diversidade etária e cultural e que como em qualquer outra sociedade vivenciam múltiplas e diferentes experiências sociais e humanas.

Palavras-Chave: Educação, EJA e diversidade.

REQUIRED EDUCATION: DIVERSITY IN PHASE I OF EJA IN CANTAGALO-PR

Abstract - This article is part of the monographic study of exploratory nature that is still in process of construction entitled "Education Required: Diversity in Phase I in Cantagalo EJA-Paraná" presented to the Professional Specialization Course III Integrated to Basic Education in Sport of Education Youth and Adults (PROEJA) by UTFPR of Pato Branco. The focus of the study is to analyze the reasons that triggered youth, adults and older people to resume their studies in EJA Phase I, through the data reported in questionnaires that involve the subject-students of the EJA. Initially there is a brief resume on the historic EJA (Education for Youth and Adults) in Brazil since the colonial period until the present day, which shows how and why was the decentralization of (EJA) sets the initial state to the municipality . Finally, it was found that the pupils of the school EJA expect if this can be a meeting or a social space for the construction of knowledge. Especially note that the EJA is one of the few school environments with a wide age and cultural diversity and that like any other company experience many different experiences and social and human.

Keywords: Education, EJA and diversity.

1. INTRODUÇÃO

Muito tem se discutido a respeito da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, no âmbito de universidades, escolas, movimentos sociais, secretarias municipais e estaduais acerca da necessidade de políticas públicas que garantissem a jovens, adultos e idosos o acesso, a permanência e a aprendizagem escolares, das quais estiveram relegadas, por suas condições concretas de existência na infância.

Nessa perspectiva, ao se referir a “jovens” e “adultos”, abrange os sujeitos, e não simplesmente os “alunos”, ou melhor, sujeitos que estão situados num determinado tempo da vida, possuindo assim especificidades próprias. Ou seja, deixa claro que essa modalidade de ensino abrange sujeitos que possuem realidades diversas e assim apresentam demandas e necessidades específicas, já que se trata de jovens, adultos e idosos.

Atualmente no Estado do Paraná, este trabalho está sendo redimensionado numa proposta mais abrangente, procurando introduzir práticas efetivas que promovam a interação entre os componentes culturais na vida dos grupos locais e aos sistemas educacionais.

Quem contribuiu para que de fato pudesse ser efetivada a Alfabetização de Adultos foi Paulo Freire, segundo Paiva (1973, p.252):

(...) esse educador constituiu uma proposta de mudança radical na educação e objetivos de ensino, partindo da compreensão de o aluno não apenas sabe sobre realidade em que vive, mas também participa de sua transformação.

Desse modo, pensar em educação para jovens e adultos, e mais: para todos significa oferecer às pessoas, independente da faixa etária, a oportunidade de desenvolver seu potencial e principalmente compreender e respeitar a diversidade cultural que existe dentro e fora do âmbito escolar.

Se for analisar a educação de jovens e adultos traz inúmeras reflexões acerca desta modalidade de ensino, mas o que estará em discussão neste artigo é o educando da EJA, ou melhor, o que leva esse grupo de pessoas com diversidades sociais, culturais e com propósitos diferenciados a retomar seus estudos, na EJA preferencialmente.

É grande valia salientar que este adulto que será abordado neste artigo não é o estudante universitário, ou o profissional qualificado que frequenta formação continuada e sim, o migrante de áreas mais empobrecidas que busca tardiamente a escola para alfabetizar-se. E o jovem de EJA Fase I também não tem características de vestibulando, no entanto, aquele que frequentava o ensino regular e que devido a muitas repetências acaba se evadindo da escola, geralmente considerado o “excluído”.

Para esclarecer os verdadeiros motivos que fazem com que pessoas jovens, adultas, idosas retomassem seus estudos na EJA foi observado as respostas dos educandos a partir de questionários que lhes foram cedidos na sala de aula, para isso dispôs-se da metodologia dialética. Onde Moacir Gadotti (1989, p. 63) afirma:

a dialética mostra a fecundidade do movimento interno à realidade, apresentando a unidade que existe entre os contrários, que são vivos e que se convertem um no outro como na relação entre as fases da vida de uma pessoa. Esses contrários não acontecem só na história pessoal, mas na natureza, na sociedade e na história coletiva.

Esse mesmo autor afirma ainda que o método dialético de caracteriza “pelo rigor na análise e pelo vigor com que se aprende os fatos”. Foram analisados trinta questionários dos alunos de EJA do I Segmento, ou seja, das séries iniciais no município de Cantagalo, situado na região do Terceiro Planalto Paranaense, a 333 km de Curitiba, com aproximadamente 14.000 habitantes. A escola do município onde funcionam as turmas de EJA é a Escola Municipal Vereador Francisco dos Santos Leal.

É claro que, a procura de jovens e adultos pela escola não se dá de forma simples. Ao contrário, em muitos casos, trata-se de uma decisão que envolve as famílias, as condições de acesso e a distância entre casa e escola, é um processo contínuo de idas e vindas, de ingressos e desistências. Ir à escola, para um jovem ou adulto é antes de tudo, um desafio, um projeto de vida. Haja vista, que esses educandos trazem consigo uma longa história de conhecimentos acumulados, assim como reflexões sobre o mundo e as pessoas.

2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PROCESSO HISTÓRICO

A mobilização brasileira em favor da educação do povo, ao longo de nossa história acompanha todos os movimentos da sociedade. Desde o período colonial que visava a instrução ao objetivo da Igreja de conseguir novos fiéis, a busca da instrução ligavam-se muito ao “proselitismo religioso” (MOURA, 2006, p.18); nos demais períodos da história, as políticas e ações na e para a área foram sempre geradas por motivos de ordem econômica, política e ideológica. Desde o Império já acontecem iniciativas de experiências, através de escolas noturnas para adultos. A partir da República iniciam-se inúmeras campanhas, normalmente de duração curta, descontínuas, sem grande sistematização e buscando sempre o apoio e a parceria das diferentes instâncias da sociedade civil. Já na década de 30, os fundadores de políticas e responsáveis pelas ações tomam a alfabetização de

adultos como aquisição de um sistema de código alfabético, tendo como único objetivo instrumentalizar a população com os rudimentos de leitura e escrita (MOURA, 2006, p.19). A princípio, para que os colonos pudessem ler o catecismo e seguir as ordens e instruções da corte, e os índios pudessem ser catequizados, em seguida, para que houvesse uma melhor adaptação dos trabalhadores às tarefas exigidas pelo estado iniciando o processo de formação industrial.

A década de 40 pode ser considerada como um período áureo para a educação de jovens e adultos. Onde variadas políticas de peso apareceram, entre elas destaca-se a o lançamento da (CEAA) Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, através da qual houve uma preocupação com a elaboração de material didático para adultos e a realização do 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos realizado em 1947 e o Seminário Interamericano de Educação de Adultos de 1949.

No Seminário Interamericano, por exemplo, as organizações desenvolveram esforços no sentido de evitar as discussões e encaminhamentos para os problemas teóricos. Os participantes limitaram-se a fazer uma avaliação sobre os elevados índices de analfabetismo, a inadequação das campanhas realizadas até então, concluindo então "...que o problema da educação de massas era de ordem social e não estritamente pedagógico." (PAIVA, 1973, p.196).

Nessa época, mesmo considerando-se que, por influência dos estudos realizados pela UNESCO a partir de 45 esse tipo de alfabetização "... não se confundiria com a simples transmissão de técnicas elementares da leitura e da escrita" (BEISENGEL, 1974, p. 83), verifica-se que a preocupação dos legisladores, elaboradores de propostas e executores de práticas não se dirigiam, em sua totalidade para uma formulação própria destinada à área.

Pode-se constatar a coexistência de três frentes de lutas no campo de iniciativas para a área: a predominância das Campanhas; a sistematização e divulgação do Ensino Supletivo, concentrado nas capitais e desenvolvido em sua maioria através de professores leigos e a emergência de grupos nacionalistas, percebendo a educação como um instrumento de difusão de idéias, necessitando ser de ser estimulada por todos.

Nesse período a oferta sistemática de alfabetização para adultos no Ensino Supletivo continuava sendo desenvolvida como uma prática semelhante às desenvolvidas com crianças. Segundo Haddad, (1983, p. 14):

... as experiências nesse período não surgem nem provocam formulações teórico-metodológicas que possibilitem mudanças nas formas de conceber e desenvolver a alfabetização.

Já na década de 60 a educação de adultos possui grande influência de grupos populares articulados a sindicatos e também têm ajuda de um dos mestres inspiradores, articuladores da alfabetização de adultos, Paulo Freire, que buscava realizar uma educação voltada para a transformação social, utilizando-se de diálogos para incentivar reflexões entre cidadão e sociedade.

Em 1969 o governo federal organizou o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), juntamente com a Campanha Massiva de Alfabetização, sendo uma forma condensada do antigo curso primário. Logo, foi extinto, devido à insuficiência do domínio da escrita (DI PIERRO, 2001, p.18) que teve lugar ocupado pela Fundação Educar.

A preocupação com a inserção social dos excluídos esteve presente de alguma forma em vários movimentos de educação de adultos, porém não alcançaram regiões mais remotas (RIBEIRO, 2005, p.155).

Por outro lado, o MOBRAL teve um campo maior de atuação, porém com objetivos não voltados para a transformação social e sim, uma forma tradicional de conceber a educação, como a mais elementar, mais simples que permeia as metodologias de ensino utilizadas em todo o mundo, ou seja, "a concepção de alfabetização como um processo de aquisição de uma técnica de decodificação oral e escrita." (BAUMGARTNER, 2005, p.36).

Foi através da Constituição Brasileira de 1988 estabelece o direito à educação de jovens e adulto, quando expressa no art. 208 que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil chega à década de 90 reclamando reformulações pedagógicas. A partir do ano de 1997, realizou-se na Alemanha, a V Conferência Internacional de Educação de Jovens e Adultos promovida pela UNESCO (Organização das Nações Unidas). Essa conferência representou um importante marco, à medida que se estabeleceu a vinculação da educação de adultos ao desenvolvimento sustentável e equitativo da humanidade.

Surge então a Lei de Diretrizes e Bases da Educação –LDB9394/96, onde dedica dois artigos (37 e 38), no Capítulo da Educação Básica, Seção V, para reafirmar a obrigatoriedade e a gratuidade da oferta da educação para todos que não tiveram acesso na idade própria. Nessa época, muda-se o termo "ensino" se restringe à mera instrução, para o termo "educação" é muito mais amplo, compreendendo os diversos processos de formação.

Nestas condições, a LBD oportuniza a alfabetização de adultos um novo “olhar”, direcionando a um campo específico de políticas públicas, de formação de educadores, de produção teórica... Podemos encontrar indicadores novos de que o Estado assume o dever de responsabilizar-se publicamente pela EJA. Cria-se um espaço institucional no MEC, na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Discute-se a EJA nas novas estruturas de funcionamento da educação básica - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Básico (FUNDEB). Cria-se estruturas gerenciais específicas para EJA nas Secretarias Estaduais e Municipais.

Hoje em dia quem procura dar assistência a EJA (Fase I) séries iniciais é o próprio município (Cantagalo) que montou sua própria Proposta Pedagógica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Ensino Fundamental – Fase I, conforme disposto nas Deliberações nº. 004/99, nº014/99 e nº008/00, todas do Conselho Estadual de Educação. É sabido que os Municípios paranaenses, “não possuem uma realidade homogênea, mas mesmo assim muitas administrações municipais vêm buscando assumir este compromisso com propostas curriculares, formação docente e produção de material didático”. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, p.36). Como o município estava com altos índices de analfabetismo, exigiu-se que providenciassem medidas urgentes e eficazes à “erradicação do analfabetismo” que ainda está num processo lento, mas espera superações.

A implantação da proposta de EJA Fase I no município se deu a partir de 2006, nos anos anteriores chamava-se PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos) onde as aulas eram ministradas no SUPLETIVO, o professor disponível para esses alunos era o município que oferecia, os conteúdos seguiam o que o Estado fornecia e a avaliação era anual também ofertada pelo Estado, chamava Equivalência e era realizada anualmente. O Município e Estado percebendo que este projeto não vinha de encontro com as necessidades dos alunos, substitui o PEJA por EJA.

2. BREVE APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CANTAGALO

O Município solicitou a implantação da EJA Ensino Fundamental Fase I (1ª a 4ª série) de forma simultânea, uma vez que as análises de dados mostram um número um tanto elevado de analfabetos e havia interesse em diminuir tais índices. Como mostra a tabela 1.

As turmas funcionam na Escola Municipal Vereador Francisco dos Santos Leal, tendo auxílio da Direção, Secretaria e Coordenação Educacional da própria Escola. Possuem biblioteca com acervo

bibliográfico compatível, material de apoio, recursos audiovisuais e tecnológicos adequados ao desenvolvimento da proposta pedagógica.

A carga horária total do curso é de 1200 horas, presencial com frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária prevista para o curso, as áreas de conhecimento (disciplinas) são: Língua Portuguesa, Matemática, Estudos da Sociedade e da Natureza, Artes e Recreação.

Tabela 1: Índices de Analfabetismo

Índices de analfabetismo		
	1991	2000
% 7 a 14 anos analfabetas	15,62	9,68
% 10 a 14 anos analfabetas	5,32	2,94
% 15 a 17 anos analfabetas	5,59	3,02
% acima de 15 anos analfabetas	18,25	14,77
% 18 a 24 anos analfabetas	8,00	5,52
% acima de 25 anos analfabetas	21,14	19,72

Fonte: PNUD / Atlas de Desenvolvimento Humano (www.pnud.org.br)

O perfil dos alunos para atender essa demanda são jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à escola em idade própria, ou não tiveram possibilidade de continuar seus estudos por necessidades de trabalho, ausência de estímulos, repetência sucessivas, distância da escola...

Quanto ao aspecto avaliação utilizar-se de instrumentos diversificados, finalidade educativa, contínua, diagnóstica e somativa. Visando o processo de ensino-aprendizagem com estala de 0 a 10, o rendimento mínimo exigido para fins de promoção ou certificação é igual ou superior a 6,0. (seis vírgula zero) por disciplina. Aos alunos que não atingirem a nota mínima exigida, será feito a recuperação de estudos.

A EJA Fase I segue o calendário letivo do município estabelecido juntamente com a Secretaria Municipal de Educação e Núcleo Regional de Ensino de Laranjeiras do Sul-PR. O curso acontece nos períodos diurnos e noturnos dependendo da procura do mesmo.

Os professores que trabalham com esse público são de rede municipal, na maioria das vezes Estatutário, segundo Guidelli (1996, p.126):

A educação de jovens e adultos foi vista no decorrer de sua história como uma modalidade de ensino que não requer, de seus professores, estudo e nem especialização, como um campo eminentemente ligado à boa vontade. Em razão disso, são raros os educadores capacitados na área.

Na verdade, parece que continua arraigada a idéia

de que qualquer pessoa que saiba ler e escrever pode ensinar jovens e adultos, pois ainda existem educadores leigos que trabalham nesta modalidade de ensino, assim como a idéia de qualquer professor é automaticamente um professor de jovens e adultos. (MOURA, 2006, p.54). Com esta falsa premissa não tem levado em conta que para se desenvolver um estilo adequado a estes indivíduos exige-se formação inicial específica, assim como formação continuada.

O objetivo não é criticar o professor da EJA e muito menos dizer que estes não se esforcem para desenvolver um ótimo trabalho em sala de aula, mas afirmar que não se tem dado uma formação continuada ao educador que muito se esmera ensinar seu educando de uma forma dialógica e participativa. Percebe-se isso através da participação ativa em diversos assuntos e ou conteúdos abordados na sala de aula, que tem como compromisso a formação humana, de modo a que os educando venham participar política e produtivamente das relações sociais, com comportamento ético.

Por fim, um dos princípios que regem o curso é o desafio de pautar o processo educativo pela compreensão e pelo respeito da diversidade em várias idades, de trajetória escolar e, sobretudo de trajetórias humanas. (SOARES, 2006, p.31). Isto posto, há de buscar-se uma educação tolerante e igualitária, que reconheça ao longo da vida como direito inalienável a todos.

Segundo as Diretrizes Curriculares Estaduais de EJA:

é a escola um dos espaços em que os educandos desenvolvem a capacidade de ler, interpretar e reinventar o seu mundo, por meio de atividade reflexiva, induzir no educando que são sujeitos sócio-histórico-culturais, com conhecimentos e experiências acumuladas, com tempo próprio de formação de aprendizagem.

3. EDUCAÇÃO NECESSÁRIA: DIVERSIDADE NA EJA FASE I EM CANTAGALO

Todo o ser humano seja ele: homem, mulher, branco, negro, jovem, idoso, desempregado, trabalhador, do campo ou da cidade, com ou sem necessidades especiais é capaz de produzir sua própria história, de conhecer e transformar o mundo que está inserido, não como meros objetos, mas sim, como sujeitos. Para Moura (2006, p.181):

(...) cada um de nós, adultos, vemo-nos diante do mundo exterior, diante de alguma necessidade, nos damos conta que ela ainda não foi satisfeita. Neste caso, o adulto, organiza sua atividade de tal modo que, mediante uma série de passos

consecutivos, a meta possa ser atingida e a necessidade satisfeita.

Nestas condições, os alunos que freqüentam a EJA Fase I em Cantagalo possuem diferentes motivos para hoje estarem às salas de aula, dentre os trinta alunos observados, divididos em jovens, adultos e idosos, onze são homens e dezenove mulheres. Percebe-se, uma maior quantidade de mulheres, o público feminino após décadas de preconceitos e discriminação, finalmente vem conquistando seu espaço diante de uma sociedade "machista". A entrada da mulher no trabalho contribuiu para que notasse a importância que a leitura e a escrita exerce no mundo letrado. A compreensão dessa realidade segundo Freire (1993, p.58) mostra:

que a alfabetização tem que a ver com a identidade individual e de classe, que ela tem que a ver com a formação da cidadania. É, preciso, porém, sabermos, primeiro que ela não é a alavanca de tal formação, ler e escrever não são suficientes para perfilar a plenitude da cidadania.

Sob tal ótica Oliveira (1999, p.12) contribui com Freire afirmando: "... a alfabetização é um processo contínuo que toda a pessoa independente da idade, é capaz de aprender". Tanto as mulheres como os homens buscam na escola mais do que somente ler e escrever, mas sentem capazes de crescer cultural e economicamente.

Como se pode perceber o processo de alfabetização de adultos pode ser um dos grandes motivos que levam homens e mulheres a freqüentar as turmas de EJA, Freire defende muito bem esse papel reconstrutor quando descreve:

sempre vi a alfabetização como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador, o processo de alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. (1981, p.21).

Enquanto ato de conhecimento, o processo de alfabetização exige uma relação dialética entre objetividade e subjetividade que é retratada ou expressa a partir de dois contextos dialeticamente relacionados. Um contexto teórico que pressupõe o autêntico diálogo entre educadores e educandos, enquanto sujeitos do conhecimento, que dialogam a partir dos conhecimentos da e sobre a realidade. E o contexto concreto, em que os fatos se dão: a realidade social em que se encontram os alfabetizando que, no processo dialético se transforma no objeto de conhecimento sobre o qual se dialoga e o sujeitos se alfabetizam (VYGOTSKY, 2006).

Deve-se levar em consideração que o diálogo retratado não é o diálogo como uma técnica que se pode utilizar para conseguir algum resultado ou

como uma tática para fazer dos alunos amigos do professor, mas ao contrário:

(...) o diálogo como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte do nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos mais seres humanos. O diálogo é uma espécie de postura necessária na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como fazem e a refazem. (FREIRE, 1987. p. 122-123).

Em suma, quando o educando busca a escola, a maioria dos sujeitos admite mudanças na forma de pensar, nos conhecimentos e nas possibilidades de mudanças nas condições de trabalho. Em um ponto quase todos os adultos estão de acordo: saber ler e escrever muda a vida cotidiana dá mais confiança em si mesmo, na própria capacidade de se expressarem, e permite superar a vergonha de não saber diante dos outros (FERREIRO, 1983, p. 211-228).

Nota-se que a alfabetização assumida por Freire e a forma como caracteriza os sujeitos e como defende a relação pedagógica, leva à apropriação do sistema da escrita, como também propicia mudanças significativas na forma de pensar e agir dos educandos, possibilitando intervir na sua própria transformação.

Além da alfabetização, percebe-se que alguns alunos retomam as salas de aula, devido à necessidade e em busca de melhores condições de trabalho. Até porque os educandos de EJA, em sua maioria, não tiveram muitas oportunidades e também a experiência com o trabalho começou em suas vidas muito cedo, são pedreiros, carpinteiros, motoristas, empregadas domésticas e do lar. E almejam melhores condições de moradia, educação e lazer para a sua família.

Neste ponto, percebe-se então: "...o trabalho, é útil e indispensável à existência do homem, quaisquer que sejam as formas de sociedade..." (MARX, 1982, p.50). Naturalmente, o trabalho é essencial na vida de uma pessoa, mas o que não pode acontecer é tornar-se um escravo do trabalho, não ter competência necessária para conseguir administrar suas finanças e sua sobrevivência. Como se pode observar, vivemos numa sociedade totalmente desigual, competitiva, repleta de preconceitos, onde poucos ganham muito e a grande maioria somente sobrevive mal e precariamente.

Vale notar, ainda, que em todas as regiões do país, como também no município de Cantagalo, o trabalho é apontado pelos alunos de EJA tanto como motivo para terem deixado a escola, como razão para voltarem a ela.

O aluno trabalhador parece saber o valor que a escola tem para ele, bem como a utilidade do

conhecimento que ela veicula. Sabe que este conhecimento lhe é útil na mudança de ocupação que pretende mudança esta muitas vezes insignificante em termos financeiros, mas de grande utilidade para os que ganham pouco. Parece saber também que a cultura dominante muitas vezes é sua defesa, no uso da linguagem, no conhecimento do que é dito, no relacionamento com outras pessoas. Entende que a escola é o lugar de saber mais e melhor e que está poderá auxiliá-lo nesse universo "mundo do trabalho".

O trabalho é, então, uma constante na vida da maioria dos alunos que freqüentam a educação de adultos. Apostam na educação escolarizada para a ascensão social, para conseguirem melhores empregos, com melhor remuneração. Lombardi & Sanfelice (2004, p.56) complementa dizendo:

o capital precisa de mão-de-obra qualificada para operar as suas máquinas. Então concede o treinamento que o capital denomina de qualificação para o trabalho, o que na verdade é um treinamento da mão-de-obra.

Entretanto, o aluno trabalhador não é um estudante comum. Embora tenha acesso à escolaridade, não lhe é garantida a permanência no sistema escolar, devido à falta de tempo de estudar, cansaço, falta de recursos e outros fatores. E ainda é de grande valia salientar que o aluno-trabalhador de EJA necessita do trabalho por: a necessidade de ajudar nas despesas de casa; a independência financeira; a busca de segurança e garantia de um futuro melhor para ele e seus familiares.

Quando salienta a relação entre escola e trabalho não se trata de vincular a escola como formadora para o trabalho, nem mesmo de colocá-la como agente transformador do mundo do trabalho. Trata sim, de estabelecer a vinculação desses dois elementos, de modo a favorecer uma maior compreensão de como as sociedades organizam seus processos de trabalho e a importância deste na vida do homem.

Nessas condições, o estudante de EJA têm uma clara percepção que não é na escola que aprendem os conteúdos necessários para ingressar no mundo do trabalho, porém sabem também que necessitam do certificado, pois ele é uma das principais armas de que necessitam para enfrentar o adversário em busca de um trabalho mais qualificado e mais bem remunerado.

Até o presente momento analisou-se a relevância da alfabetização e do trabalho na realidade correspondente a um aluno jovem, adulto, mas não poderia de esclarecer o porquê algumas das alunas idosas de EJA resolveram retomar seus estudos. Sabe-se são mulheres que passaram por muitas decepções, entre elas: financeiras, emocionais, históricas, sociais e matrimoniais. Mulheres apáticas

sem voz e nem vez e que somente após anos de sofrimento retomam seus estudos, pois quando eram ainda moças os pais não permitiam que suas filhas estudassem, já que deveriam dedicar-se à casa, à família. E quando casadas eram proibidas de freqüentar ambiente escolar, ainda mais que tinham filhos para educar. Até mesmo por concepções do tipo “mulher não precisa aprender,” ou ainda pela seletividade construída internamente na rede escolar. E hoje, regressam tanto pelo convívio social quanto para mostrar as seus familiares que são capazes de participar, de agir e de opinar construtivamente na sociedade.

Diante do que foi exposto a EJA é vista como encontro de singularidades, diversidades sociais, confronto de culturas, ideais, objetivos. Ainda mais, quando se sabe que dentro de um único local possa existir tantas diferenças não somente de idade, pois os educandos de EJA de Cantagalo variam de 15 anos completos até 67 anos, como também origens, vivências profissionais, ritmos de aprendizagem e estrutura de pensamento completamente variado. A cada realidade corresponde um tipo de aluno.

Como vimos, além de adultos e idosos freqüentar à sala de EJA possui também uma parcela de adolescentes, que por anos consecutivos de reprovação buscam a EJA porque segundo eles “se sentem bem”, e “ali são bem recebidos”, já que não ocorre indisciplina e nem seleção para ver quem é melhor ou pior, nesta pequena parcela de excluídos está também o menor infrator, que segundo Oliveira (2003) no seu artigo: O menor infrator e a Eficácia das Medidas Sócio-Educativas postula:

(...) o caminho que leva a marginalidade não é traçado por uma categoria particular de crianças e adolescentes, mas sim, por todo um conjunto de problemas relacionados com condições subumanas, crises entre os pais, um sentimento generalizado de alienação e de isolamento no seio da família, na escola, e acima de tudo, pela discriminação da sociedade em geral.

Esses desencontros e as representações sociais em torno da juventude marginalizada produzem uma imagem de que os jovens não gostam de estudar, odeiam seus professores e é uma constante ameaça aos colegas e profissionais da escola. As principais aspirações dos jovens são: “dentro os principais desejos de mudança no espaço escolar estão os que se referem à necessidade de diálogo e ao excesso de regras”. A maioria dos alunos, principalmente idade mais elevada desejam ter aulas mais diferentes, professores menos autoritários e mais aberto ao diálogo, enfim, uma educação de qualidade e significativa para suas vidas (GIOVANETTI, 2006, p.78).

Para Freire (1993 p.34-44):

(...) os jovens de EJA, como qualquer outro, são

seres humanos que amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, diante delas, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. Torna-se necessário escuta-los ver nas práticas culturais e nas formas de sociabilidade que desenvolvem traços de uma luta pela humanização, diante de uma realidade que insiste em desumanizá-los, e na perspectiva do protagonismo juvenil, tomá-los como parceiros na definição de ações que possam potencializar o que já trazem de experiências de vida. Para contribuir para a formação desses jovens, deve-se encará-los como sujeitos que interpretam o seu mundo e que agem sobre ele, dando um novo sentido à suas vidas.

Para tanto, a EJA de Cantagalo nas séries iniciais possui uma diversidade de motivos pelos quais os alunos sentem instigados a retomar seus estudos, ainda poderão ser citados mais alguns como: pela vontade de estar aprendendo cada vez mais, aprimorando seus conhecimentos.

À medida que se conhecer a realidade desses educandos consegue chegar às necessidades, às exigências, às expectativas, os interesses e desejos; já que é imprescindível reconhecer o aluno concreto como centro do processo, para que não se perpetue a desigualdade (RIBEIRO, 2005,p.213).

4. CONSIDERAÇÕES

Por tudo isso, é imprescindível analisar os motivos que desencadearam jovens, adultos e idosos a realizarem suas matrículas na EJA Fase I, haja vista que, no momento que o educando retoma suas atividades escolares, esta poderá contribuir para o resgate da dignidade e para a construção da sua cidadania crítica e participativa na sociedade que está inserido.

Nestas condições, facilmente se presume que a EJA devem referir-se a um local de diversidades, promovendo assim, um ambiente “rico” de experiências de vida, conhecimentos formais e informais e que se for valorizado há de ser um poderoso argumento em favor da justiça, igualdade entre os sexos e da democracia. Sobretudo se pensar, que a EJA é um dos poucos ambientes escolares que dispõem dessa vasta heterogeneidade (trabalhadores, mulheres, jovens, adultos e idosos) não só pensando numa de questão de faixa etária, mas sim de culturas variadas, com cidadãos que se utiliza de múltiplas formas de pensar sobre as pessoas e o mundo, viabilizando diálogo democrático e também a convivência plural.

Somente uma escola com estas características pode servir aos interesses da classe trabalhadora. Assim como em outras regiões pobres do Brasil, o público de EJA de Cantagalo nas séries iniciais teve limitadas possibilidades de inserção cultural, com pouco contato com a linguagem escrita. Logo, é um público que merece a “melhor” escola possível,

onde visa proporcionar uma situação social igualitária.

REFERÊNCIAS

- BAUMGARTNER, C. T. Alfabetização e Letramento: Interfaces.. Curitiba: Cefortec, 2005.
- DI PIERRO, M. C; JOIA, O; RIBEIRO, V. M. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. São Paulo:Cadernos Cedes, 2001
- FREIRE, P. **"Políticas e Educação"**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GADOTTI, M. **"Marx transformar o mundo"**.. São Paulo:FTD, 1989.
- GOMES, N. L; GIOVANETTI, M. A; SOARES, L. **"Diálogos na Educação de Jovens e Adultos"**. Belo Horizonte:Autêntica, 2006.
- HADDAD, S. **"Educação Popular e Escolarização Popular"**. Temas de Educação Popular. Cadernos da AEC do Brasil , 1983.
- MOURA, T. M. de M.. **"A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygostsky"**. 4. ed. UFAL. Alagoas, 2006.
- OLIVEIRA, M. K. de. **"Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem"**. ANPEd. Caxambu, 1999.
- OLIVEIRA, R. L. Q. de. **O menor infrator e a eficácia das medidas sócio-educativas**. Juz Naviganti, Teresina, 2003. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br>
- PAIVA, V. **"Educação popular e educação de adultos"**. São Paulo, 1973.
- RIBEIRO, V. M. **"Educação de Jovens e Adultos**. Novos leitores, Novas leituras". São Paulo:AÇÃO EDUCATIVA, 2005.
- SOARES, Leôncio. "Educação de Jovens e Adultos. Diretrizes Curriculares Nacionais." DP&A. Rio de Janeiro, 2002.